

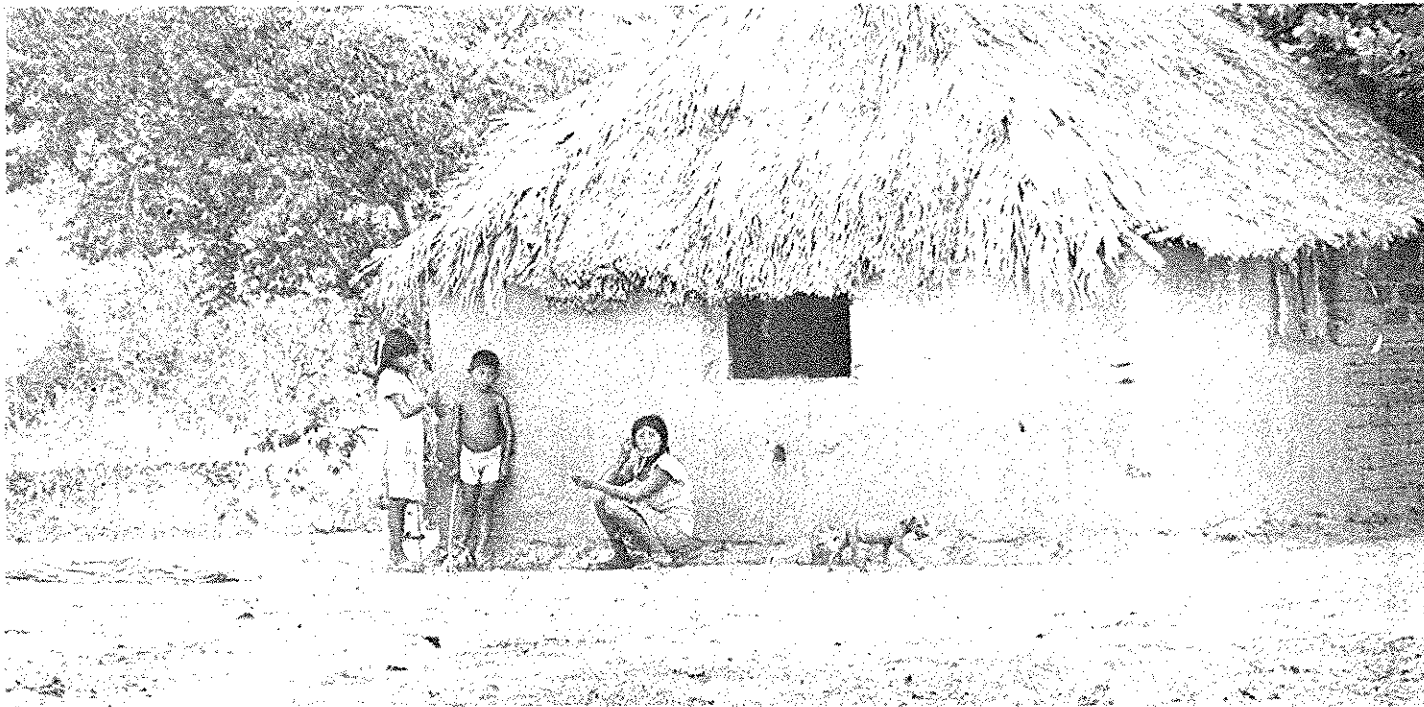
CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Boleto brasileiro Class.: 698  
 Data: 26.01.88 Pg.: \_\_\_\_\_

# Garimpeiros: religiosos levam ouro dos índios

Eles acusam interesses escusos de missionários estrangeiros que atuam na região amazônica



Na corrida pelo ouro de Roraima, os índios ficam entre interesses poderosos e conflitantes

CARLOS HONORATO  
Especial para o CORREIO

Boa Vista — A Amazônia Legal — Amazonas, Roraima, Pará, Rondônia, Amapá e Mato Grosso abriga cerca de 25 mil índios brasileiros que vivem em terras de grande incidência de minérios, que atingem 20 milhões de hectares. A Funai não dispõe de um levantamento seguro destas áreas, mas, segundo um mapa do Radam, 26 áreas indígenas demonstram excelente potencial para a produção de minérios.

Só que dentro de todo este potencial para a mineração existe um problema: a ação de missionários de diferentes nacionalidades. O presidente da Associação Profissional dos Garimpeiros do Território Federal de Roraima, José Teixeira Peixoto, garante que "a Igreja está explorando índios na garimpagem de ouro. Os índios são obrigados a entregar o ouro a missionários. E tudo gente estrangeira".

A acusa-ão de Teixeira Peixoto tem por base a situação atual no território federal de Roraima, onde os índios Yanomami vivem numa área rica em ouro, estanho e diamante. Na verdade, os índios foram atraídos para a região pelos "missionários americanos", que se instalaram no local visando somente a pesquisa da área. Só que o ouro mudou os planos dos missionários. E isso foi constatado, no período de 1976/77, quando garimpeiros, percorrendo a região, verificaram a existência de catas de exploração e vestígios de fornos de fundição de cassiteritas. Outros vestígios também foram encontrados na serra Couto Magalhães, próximo a uma pista utilizada por uma missão americana, onde é grande a incidência de ouro aluvionar.

Contundente, Teixeira vê na pessoa do bispo dom Aldo Mongiano, da prelazia de Boa Vista, o responsável pela exploração e instigamento dos índios contra garimpeiros, além de vários outros padres que são "orientados para o trabalho, visando conse-

guir grandes quantidades de ouro". Na verdade, o líder dos garimpeiros de Roraima tem razão na denúncia. No ano passado foi descoberta a ação do padre italiano Giorgio dal Bene, que explorava índios na garimpagem do rio Mau. A própria Polícia Federal constatou que era mantido em uma maloca um grande painel onde era controlada a produção de ouro extraído a cada mês.

Mas Teixeira não pára aí. Contou que a ação dos padres tem dificultado o trabalho dos garimpeiros. Em seguida, retirou de uma pasta uma triste lembrança: em agosto do ano passado, na região de Parimá, onde está localizado o garimpo Paaplú, padres instigaram índios contra os garimpeiros e o resultado foi a morte de Avert Abreu de Souza e ferimentos graves em José Alves de Lima. E faz outra revelação: "Têm índios que estão armados com armas modernas. Acho que são americanas". E pergunta: "Quem dá arma a índio?"

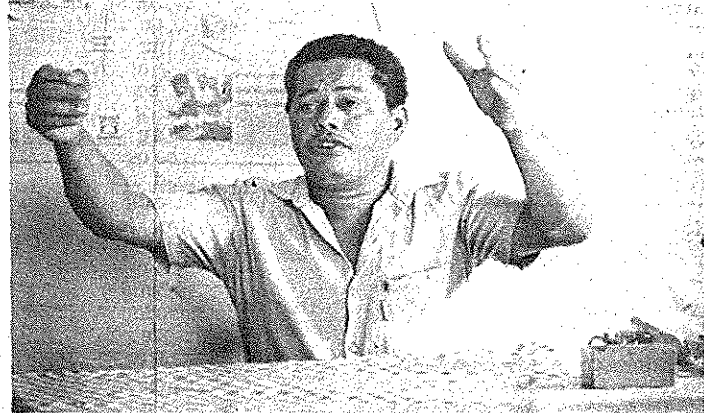
E mais: a exploração dos índios pelos missionários vem incentivando o contrabando de ouro. Só que o contrabando de ouro já vem acontecendo desde 1974. Grande parte do minério produzido é comercializada diretamente na Guiana. "Muitos garimpeiros já viram um helicóptero amarelo que desce nas praias dos rios para buscar ouro. Dizem que vai direto para os

Estados Unidos", conta o presidente da Associação dos Garimpeiros Profissionais do Território de Roraima.

A terrível cobra pela região da serra de Surucucu pelos padres, segundo denúncias dos índios e garimpeiros, tem razão de ser. O presidente da União dos Sindicatos e das Associações dos Garimpeiros da Amazônia Legal, José Altino Machado, disse que a serra "é o maior mito dos garimpeiros de toda Amazônia". Isto porque o local tem um potencial mineral bem superior ao de serra Pelada, o maior garimpo de toda a região. E avisa: "Os garimpeiros jamais aceitaram sair da serra de Surucucu".

Ao contrário de Teixeira, que vê na Igreja um grande empecilho para os garimpeiros, Altino diz que o "poder da Igreja não é o que se diz. Desconheço a força da Igreja. E isto só por uma coisa: Ela só quer uma coisa que temos, que é o povo. Os garimpeiros não brigam com índios. Tudo é pura invenção do Conselho Indigenista Missionário", contesta.

Altino Machado lembra que os índios Yanomami, cuja reserva está na serra de Surucucu, não estão brigando com os garimpeiros. Ao contrário, "eles estão ganhando muito dinheiro. Basta dizer que um pouso de um avião no garimpo do Paaplú está custando C\$ 10 mil.



Teixeira: A Igreja atrapalha os garimpeiros

## Roraima, crise que se arrasta

Boa Vista — No centro da capital de Roraima, uma estátua de mais de dois metros de altura, representando um garimpeiro com uma bateia — gamela de madeira ou metal que se usa na lavagem das areias auríferas ou do cascalho diamantífero — demonstra também a própria história de um território rico em ouro, estanho, diamante e urânio, mas cuja exploração era quase inexistente até dois anos atrás. Agora, o território federal de Roraima vive a sua fase do ouro, com a chegada de mais de 10 mil garimpeiros, que ocupam todos os hotéis de Boa Vista, levando a cidade de pouco mais de 50 mil habitantes a um verdadeiro irrisson nos finais de semana. Isto porque parte do contingente dos garimpos de Paaplú e Cruzado Novo, instalados nas serras de Couto Magalhães e parte de Surucucu (áreas reivindicadas pelos índios Yanomami) se deslocam para a capital pagando — por pessoa — 300 gramas de ouro por um voo de 50 minutos nos pequenos aviões monomotores e bimotores.

Só que a aparente calma em que vive Boa Vista é tida por muitos como falsa, pois o território passa pela pior crise desde 1980, quando o então presidente da República, João Baptista Figueiredo, assinou decretos dando condição para uma reorganização administrativa que pudesse, no futuro, elevar Roraima à condição de Estado — a exemplo de Rondônia. O assassinato do prefeito Silvío Leite, ocorrido na noite de 19 de outubro do ano passado, deixou o território em estado crítico, pois o então governador Getúlio Cruz, indicado pelo presidente José Sarney após uma composição entre o PMDB e o PFL, pediu licença e se afastou do governo, para que tudo fosse investigado sem problemas.

Mas aconteceu o inverso. O presidente José Sarney indicou o general Roberto Klein como interino, que, nos quase três meses à frente do governo, não levou adiante qualquer obra de Getúlio Cruz, fazendo com que a administração do território entrasse em total estado de inércia. E tudo culpa de uma única coisa: a interinidade. Atualmente, com a chegada dos garimpeiros, políti-

cos e entidades de classe de Boa Vista estão cobrando uma posição do governador interino quanto ao problema, mas do Palácio 31 de Março (sede do governo) não sai qualquer resposta.

A preocupação da população de Boa Vista não se resume à chegada dos garimpeiros, que disputam as áreas dos garimpos de ouro com os índios. O empresário e fazendeiro Newton Tavares, que em julho do ano passado teve sua fazenda invadida por índios, diz que o conflito entre os indígenas e os produtores rurais é iminente. E dispara contra a ação da Igreja no território, guiada pelas mãos do bispo italiano Aldo Mongiano, que está viajando para Curitiba. Tavares acredita que o território de Roraima hoje "é um verdadeiro barril de pólvora, prestes a explodir a qualquer momento".

Sempre atacando a ação da Igreja, que aposta num conflito para recuperar-se das constantes denúncias de internacionalização da Amazônia, através da criação da nação Yanomami, Newton Tavares diz que o governo federal precisa tomar providências urgentes, caso contrário as consequências são imprevisíveis. E a razão é bem simples: dos 23 milhões de hectares de Roraima, 9 milhões e 700 mil (42 por cento), pertencem à Fundação Nacional do Índio (Funai) e 3 milhões e 300 mil (14 por cento) são reivindicados para reservas ecológicas, totalizando em 13 milhões de hectares as áreas com impedimentos legais.

O que resta são apenas 10 milhões de hectares, dos quais 2 milhões inabitáveis no baixo rio Branco; 1 milhão e 200 mil isolados entre reservas e 400 mil de montanhas e maciços rochosos, o que transforma as áreas disponíveis para 6 milhões e 400 mil hectares, ou seja, 28 por cento de todo o território de Roraima. Estes números estão deixando os fazendeiros do território preocupados, pois eles alegam que sequer podem chegar nas áreas indígenas, privilégio "somente dado aos missionários estrangeiros".

Mas enquanto os produtores

disparam contra a Igreja, os padres permanecem silenciosos, principalmente após a invasão da Fazenda Guanabara, o que custou ao bispo Aldo Mongiano um processo criminal e a sua identificação criminal por ordem do secretário de Segurança Pública de Roraima, coronel Mena Barreto. Em Boa Vista, os comentários são de que o que vem ocorrendo é culpa do Governo Federal, que não indica logo um governador "de fato", pelo "esse general" — referência ao atual governador interino Roberto Klein — não "decide nada e deixa tudo em compasso de espera".

Já entre os garimpeiros não existe qualquer preocupação, pois garantem que não há o "que temer". Mesmo assim, os garimpos de Paaplú e Cruzado, onde os pilotos estão pagando C\$ 5 mil por cada pouso, há certa intranquilidade. Semana passada, o presidente da União dos Sindicatos e Associações dos Garimpeiros da Amazônia, José Altino Machado, esteve em Boa Vista, quando manteve encontro com garimpeiros e fez contatos com as autoridades. Só que não obteve qualquer garantia, devido à interinidade do governador Roberto Klein e por estarem os garimpos em áreas indígenas, cuja responsabilidade está diretamente ligada à Funai.

Do outro lado de toda esta apreensão está o Departamento Nacional de Produção Mineral (DNPM), distrito de Roraima. Só que o diretor, Salomão de Souza Cruz, não entra na briga nem acusa ninguém, preferindo uma posição equidistante, dizendo apenas: "O DNPM tem a responsabilidade de cumprir a lei". Cruz, um estudioso da Amazônia não acredita que o governo vá permitir a garimpagem na área de reserva indígena, mas levanta o fato de que a questão é social. "Temos hoje na Amazônia 500 mil garimpeiros que produzem por ano aproximadamente 200 toneladas de ouro", resume. Diante desta realidade, Salomão Cruz finaliza dizendo que a questão é séria e providências urgentes terão que ser tomadas, sob risco de grande parte do ouro ser contrabandeado, trazendo prejuízos para o País.



Monumento ao garimpeiro, a história de um território rico em ouro